



## ***Invenções ordinárias e mercado generalizado***

Marcus André Vieira

Para citar use a seguinte referência

Vieira, M. A. Invenções ordinárias e mercado generalizado. *Papers*, n. 5, As psicoses ordinárias e as outras – sob transferência, Barcelona, Abril, 2018. Disponível em < <https://congresoamp2018.com/wp-content/uploads/2018/02/PAPERS-7.7.7.N%C2%B05-PORTUGU%C3%8AS.pdf> >

[Capa da publicação](#)

### **Resumo**

A presença cada vez mais marcante na cidade de uma psicose ordinária, corriqueira, que se apresentaria em sinais discretos, eventualmente imperceptíveis nas situações quotidianas tem nos levado a uma investigação que abarca vários planos.

O postulado de uma psicose ordinária, em contraste com a entidade clínica herdada da psiquiatria clássica, a psicose dos sintomas exuberantes que já tendemos a chamar de “extraordinária”, tem-nos levado a uma investigação que abarca vários planos.

Uma primeira aproximação do tema destaca a possibilidade da *foraclusão do Nome-do-pai* apresentar-se em sinais mínimos, imperceptíveis nas situações quotidianas. Essa hipótese, nos conduz a outra: para que uma psicose possa ser a este ponto invisível é preciso que sua estabilização seja tão eficaz quanto qualquer outra, eliminando-se a possibilidade do pensamento do déficit, que define a psicose a partir da neurose. É o que apenas a teoria da *foraclusão generalizada* permite, por postular que o Nome-do-pai seja apenas um operador de suplência entre outros. <sup>1</sup>

A esse encadeamento de proposições solidárias, podemos acrescentar mais uma. A *foraclusão generalizada* esvazia a ideia de um Outro social estável, ordenado, pois ele será definido pelo conjunto de suplências em vigência a cada momento do laço social.

Este Outro estável, o da neurose, poderia ter como definição a de um Outro *institucional*, ‘que se mantém de pé’ – apoiando-nos na etimologia do termo - do latim *in statuere*. É um sistema de regras hierarquizado e piramidal, um discurso, um modo de estabelecer laço entre falantes, definindo uma forma de vida que podemos aproximar do que Lacan delimitou como o discurso do mestre.<sup>2</sup>

Quem é o outro do psicótico? Com quem joga sua partida? A *foraclusão generalizada* nos impede de partir do Outro institucional da neurose, previamente estruturado. A presença e o gozo do Outro serão, assim, uma “abstração”, tal como situa J. A. Miller, sem corpo. Essa abstração terá que ser encarnada, e é exatamente o que faz a paranoia, definindo um modo de agir com relação a ele. Por isso Miller a define como “consustancial ao laço social.”<sup>3</sup>

É preciso distinguir, no entanto, esquizofrenia e paranoia, como desde os anos oitenta já fazia Miller ao afirmar que a esquizofrenia é o “estado nativo do sujeito” - o de um Outro que não

se institui, fora do laço.<sup>4</sup> Dar corpo a este Outro é o que constitui o delírio paranoico. Trata-se ou bem de um Outro inexistente ou bem de um Outro por demais existente.

E o Outro da psicose ordinária? É igualmente *nãotodo*, não exatamente alguém, não exatamente um corpo, mas o Outro de um gozo não localizado. Em que o ele se distinguiria daquele da esquizofrenia?

É preciso constatar que a psicose ordinária está integrada ao tecido social sem, entretanto, passar pela paranoia. Seu Outro não é o da consistência delirante paranoica, mas tampouco é inconsistente como o da esquizofrenia. Nossa hipótese é essa: a psicose ordinária é o paradoxo da constituição de um lugar, não paranoico, no laço social em tempos de um Outro inconsistente.

Talvez fique mais claro se consideramos o Outro de nossos dias a partir do que os economistas chamam *mercado*.<sup>5</sup> O fundamento neoliberal é o que chamamos “livre concorrência”, distinta de uma competição no sentido clássico. Não é organizada pelo resultado em termos de mais eficiência ou melhor trabalho, mas pelo sucesso e pelo desempenho em termos de consumo. Não define quem tem competência, mas quem vende mais.

Quem determina os sucessos e fracassos nesse mundo? O consumidor. Sua escolha é tida como regulador natural e a garantia de qualidade do mercado. Mas o consumidor escolhe? É evidente que ele não opta pelo que é melhor ou mais necessário. Escolhe o que lhe é irresistível. Algo nele, mais forte que ele constitui essa escolha pelo gozo. Não importa se os tênis são feitos por que mão de obra escrava, não importa nada.

O consumidor goza, não escolhe, ao menos não como um eu. Por isso é uma falácia dizer que o livre arbítrio estaria na base do capitalismo neoliberal, pois o essencial não é o que se passa no plano do eu consciente, mas daquilo que o conduz sem que ele possa resistir. Por isso o neoliberalismo talvez não seja oposto à democracia, mas sim sua destruição (se ela for definida como o “um por um” do voto consciente).

O mercado lida sobretudo com o empuxo ao gozo mais do que com as escolhas individuais. Os absurdos a que chega o capitalismo no Brasil desvelam violentamente essa verdade. Não há, por aqui, tantos sujeitos considerados gente o bastante para que se sustente a ilusão de uma verdadeira escolha. Que escolha tem uma mãe da favela com relação à melhor escola para seu filho ou o melhor hospital para tratá-lo? Num país como o nosso, em que as condições de desigualdade fazem existir, para todos os efeitos, “eus” e “não-eus”, toda moderação se esvai (o mesmo possivelmente vale para a condição dos imigrantes os países da Europa). A subjetividade neoliberal, tanto em seu aspecto empreendedor quanto consumidor, pode se desenvolver em um “sem freios” assustador com relação às suas ações. Apesar disso, o laço se mantém. Como? Na grande feira global, como encontrar um lugar e resistir ao empuxo à séria infinita dos objetos do consumo, além da religião e dos fundamentalismos (soluções de um Outro maciço, paranoico)? Ora, o psicótico busca, às vezes consegue, com os fragmentos de Outro de que dispõe, compor uma conexão que lhe dê um lugar no Outro social mesmo em condições de um gozo *nãotodo*. Lidando-se com um Outro sem corpo, há a necessidade de se inventar uma solução, mais ou menos bem-sucedida e de constituir, a partir do material disponível, uma conexão, sempre um dispositivo de invenção.

Não foi à toa que Lacan calcou seu *sinthoma* na possível psicose de Joyce. É que os loucos, em meio a seu sofrimento e seu fracasso, estão o tempo todo inventando. O psicótico continua, nesse trabalho um parceiro essencial do analista, por permanecer um parceiro-impossível, que encarna o impossível da inclusão universal, de um “todos conectados”.

Todo um modo de abordar a experiência freudiana parece colocar o ato analítico nas proximidades do que Freud já definia com Goethe “toma o que herdaste de teus pais e torna-o teu”.<sup>6</sup> Havíamos acrescentado com Lacan que esta herança não é algo substancial e sim vazio. Herdamos sempre um não-sei-o-quê que nos faz descendentes e o sujeito mais autêntico, da fala plena, na linha de Heidegger, seria, neste contexto, aquele que assumiu o impossível da fala, de tudo dizer, como seu fundamento.<sup>7</sup>

*Identifica-te com teu sintoma ou saiba fazer, ali, com ele*, nossas bússolas do último ensino de Lacan e das análises levadas às últimas consequências, ganham, a partir da psicose ordinária, um campo de testes para o fazer analítico quando parece impossível contar com o impossível como falta, mas apenas a partir do gozo e seus excessos.<sup>8</sup> Em vez de trabalhar com entidades negativas como “vazio”, “hiância” e “falta-a-ser” ela nos obriga a colocar as coisas em termos de “desconexão” e “conexão”, de amar e de trabalhar caso a caso, constituindo uma clínica das suplências generalizadas. Ela transita entre os modos de fazer e de gozar, dos usos das invenções, catástrofes e soluções que podem ser engendradas para fazer do gozo e não sua ausência a argamassa do viver ou, parafraseando Lacan, para celebrar as taciturnas bodas entre a vida vazia e o gozo indescritível.<sup>9</sup>

## Psicosis y contemporaneidad

### SUMARIO

<b>ÉDITO</b> - Florencia Shanahan - NLS	P	02
<b>5. 1</b> Leonardo Gorostiza - EOL	P	05
<b>5. 2</b> Manuel Montalbán Peregrín- ELP	P	09
<b>5. 3</b> Marita Hamman - NEL	P	12
<b>5. 4</b> Roger Litten - NLS	P	16
<b>5. 5</b> Anaëlle Lebovits-Quenehen - ECF	P	19
<b>5. 6</b> Marcus André Vieira- EBP	P	22
<b>5. 7</b> Giuliana Caparelli - SLP	P	26

#### Nuevo Comité de Acción de la Escuela Una

Paloma Blanco - Florencia Fernandez Coria Shanahan - Victoria Horne Reinoso (coordinadora) - Ana Lucia Lutterbach Holok - Débora Rabinovich - Massimo Termini - José Fernando Velázquez

#### Equipo de traducción para este número

Betty Nagomy (coordinación) - Dolores Amden (Edición) - Ana Cecilia González - Ennia Favret - Paula Kallus - Victoria Martín - Mariela Praderio - Marina Recalde - Paula Vallejo - Sergio Zabalza

#### Edición - maquetación y diseño gráfico

Chantal Bonneau - Emmanuelle Chaminand-Edelstein - Hélène Skawinski

<sup>1</sup> Cf. Miller, J. A. et alli. *La psychose ordinaire*, Paris, Agalma/Seuil, 1999, p. 250. Aquí há apenas um diagnóstico extraído de Lacan, tão generalizado que deixa de ser um e se torna um postulado de base: "Todo mundo é louco, isto é, delirante" (cf. *Orientação lacaniana* aula de 4/6/2008 e Lacan, J. "Transferência em Saint Denis?", *Ornicar?*, nº 17/18, 1979, pp. 278) É a teoria da forclusão generalizada, ou do sintoma generalizado (Cf. Gueguen, P. G. "La homestasié symptomatique dans les psychoses", *La lettre mensuelle*, n. 211, Paris, ECF, 2002). Nos termos de Arcachon: E se o nome do pai fosse apenas um sintoma como outro? Miller, J. A. et alli *La conversation d'Arcachon*, Paris, Agalma/Seuil, 1997, p. 156.

<sup>2</sup> Laurent, E. "Deux aspects de la torsion entre symptôme et institution", *Pertinences de la psychanalyse appliquée*, Paris, Seuil, 2003 e Laurent, E. « How to recompose the Names of the father? Laurent, E. "Deux aspects de la torsion entre symptôme et institution", *Pertinences de la psychanalyse appliquée*, Paris, Seuil, 2003. E Laurent, E. "Comment recomposer les Noms-du-Père?", *Elucidation*, 8/9, Paris, Verdier, p. 54.

<sup>3</sup> Miller, J. A. "A salvação pelos dejetos", *Perspectivas dos Escritos e Outros Escritos de Lacan: entre desejo e gozo*, Rio de Janeiro, JZE, 2011.

<sup>4</sup> Por isso, o paradigma desse sujeito "de fora" será o daquele que é "apanhado sem ajuda de nenhum discurso estabelecido" (Lacan, J. "O Aturdido", *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, 2003, p. 475). Para o "estado nativo do sujeito" cf. Miller, J. A. "Esquizofrenia y paranoia", *Psicosis y Psicoanálisis*, Buenos Aires, Manantial, 1985, p. 28 e "Clínica irônica", *Matemas*, JZE, 1996, pp. 190-200.

<sup>5</sup> Sigo P. Dardot e C. Laval, em *A nova razão do mundo* (São Paulo, Boitempo, 2016), que tomam o neoliberalismo como um modo de ser constituinte de uma forma de vida (no sentido de Wittgenstein).

<sup>6</sup> Freud, S. "Totem e tabu", Edição Standard Brasileira, vol. XIII, Rio de Janeiro, Imago, 1972, p. 188.

---

<sup>7</sup> É essa a fala plena do primeiro Lacan, uma fala que se sustenta no abismo que nos funda (Cf. Lacan, J. "Função e campo...", *Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 1998, p. 301).

<sup>8</sup> Miller, J. A. "O último ensino de Lacan", *Opção Lacaniana*, n. 35, São Paulo, EBP, 2005, pp. 6-24. E Miller, J. A. Miller, J. A. "Teoria do parceiro", *Os circuitos do desejo*, Rio de Janeiro, Contra Capa, 2000.

<sup>9</sup> Lacan, J. *Outros Escritos*, Rio de Janeiro, JZE, 2003, p. 205.